

NAS ÁGUAS DAS REPRESENTAÇÕES: ENTRE A ALTERIDADE, A IDENTIDADE E O MULTICULTURALISMO

Mirian de Oliveira Bertotti ¹
Marcos Rodrigo da Cunha²
Robson Fonseca Simões ³

Não posso deixar de concordar com tudo que dizem do povo. É uma posição impopular, eu sei, mas o que fazer? É a hora da verdade. [...]O povo se comporta mal em toda parte, não apenas no futebol. O povo tem péssimas maneiras. O povo se veste mal. Não raro, cheira mal também. O povo faz xixi e cocô em escala industrial. Se não houvesse povo, não teríamos o problema ecológico. O povo não sabe comer. O povo tem um gosto deplorável. O povo é insensível. O povo é vulgar.

Luís Fernando Veríssimo

Só concordo em parte com Luiz Fernando Veríssimo quando ele mostra, em ótima crônica, que o povo não presta, que toda ruindade do país resulta da existência do povo. Veríssimo que me desculpe, mas, atribuir tudo de ruim só ao povo é incorreto e incompleto: o povo é aquilo mesmo, talvez até mais, porém não é o único responsável por tudo o que está errado. Temos os outros, que também não prestam. [...] Os outros são a nossa desgraça! Mas quem são afinal, os outros? Devem ser entes sobrenaturais, pois nunca os outros se identificam.

Luciano Lira de Macedo

PENSAR A ALTERIDADE, PENSAR A IDENTIDADE: UMA INTRODUÇÃO

Os textos apresentados na epígrafe, pertencem a autores diferentes, adotam uma linguagem irônica e irreverente, dialogam entre si quando nos apresentam seus personagens principais: o povo e os outros. A eles estão devotados todos os males e problemáticas no âmbito

¹ Doutoranda do PPGEEProf - UNIR - RO, mirian.bertotti@ifro.edu.br;

² Mestrando do PPGEEProf – UNIR – RO, profmarcos_@hotmail.com;

³ Professor orientador: Pós-doutor em Educação, UNIR - RO, robson.simoes@unir.br

político, cultural e social. O povo e os outros são na verdade os mesmos personagens, resultam nas projeções que fazemos daqueles que são diferentes de nós, de nosso grupo social, das comunidades que estamos inseridos. Como um rio, que conduz os olhos do navegante a cenários diferentes, as epígrafes nos levam a transitar no campo da alteridade e da identidade, desaguando em um mar de discursos educacionais que têm como bandeira principal, o multiculturalismo.

A abordagem adotada nesse estudo é qualitativa, visto que, esse posicionamento possibilita ao pesquisador qualificar e atribuir significações à objetos de estudos que não podem ser quantificados. Os objetivos serão atingidos através de pesquisa bibliográfica buscando referenciais teóricos já analisados e publicados em fontes variadas, por fim, define-se estas linhas como um estudo descritivo, pois não será realizada pesquisa aplicada ou de campo para comprovar os dados obtidos, o escopo é análise de autores e obras com destaque no âmbito educacional.

NAS CORRENTES DAS SIGNIFICAÇÕES: QUEM É O OUTRO?

Nossa viagem nesse rio de conceitos, inicia-se na tentativa de compreender a Alteridade. Recorremos ao dicionário que de forma precisa a designa como característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser outro⁴. No entanto, compreendemos que a exatidão proposta pelos dicionários deve ser complementada, coadunamos com Manoel de Barros: É preciso transver o mundo⁵, ir para além das palavras, compreender que ser outro perpassa por relações complexas como se ver como outro e se constituir enquanto sujeito nas relações de contrastes. Ser outro é não apenas ser diferente, é compreender que os sujeitos e suas culturas são singulares, subjetivas.

Sobre os outros, sobre a alteridade Duschatzky e Skliar (2001, p.123), apontam a criação de uma lógica binária, na qual as oposições “sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro, mas dentro dele, como imagem velada, como versão negativa”, assim, os outros refletem os componentes negativos de nossa sociedade, representam as “falhas culturais” (2001, 124) e ao projetarmos no outro um culpado, eximimo-nos das responsabilidades e nos afastamos das problemáticas sociais.

⁴ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/alteridade/>

⁵ BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 75.

Essa lógica binária refletiu-se no campo educacional, uma vez que o sistema projetou o desejável e, do outro lado, o ilegítimo (2001, p. 126), quanto a inserção dos outros no sistema educacional, os autores enfatizam que “o objetivo é ensinar acerca da diversidade cultural e não a educação da alteridade. Os outros estão ao alcance da mão, porém longe, marcados em fotos, pinturas, músicas, teatros, bandeiras, festas escolares etc.” (DUSCHATZKY E SKLIAR, 2001 p. 133).

Quando pensamos na constituição do nosso país, é inegável a pluralidade existente de etnias e culturas oriundas de sua gênese enquanto colônia. Some-se a isso a globalização, que possibilita a interação entre os indivíduos e permite o contato com culturas e línguas diversas, seja de forma presencial ou virtual. A partir do momento que estabelecemos contato com o diferente, com o outro, somos afetados diretamente, essa troca, mesmo que involuntária, reflete na forma como as identidades são construídas.

No campo de concepções sobre identidade cultural, Hall (2006), através de uma abordagem histórica, apresenta-nos três concepções sobre a identidade: a do sujeito do Iluminismo; do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Todas forjadas pelo papel social desenvolvido pelo homem em cada momento histórico vivido.

Na primeira concepção, quando destaca o sujeito do Iluminismo, Hall (2006) denomina a identidade como imutável e completa. A identidade surgia no nascimento do indivíduo e se desenvolvia ao longo de sua vida, em uma perspectiva racional e individualista, o homem era visto “como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10)

A identidade do sujeito sociológico transgrediu o individualismo, ou seja, entendeu que a identidade era resultante da interação do eu com a sociedade. Essa visão interativa deu-se devido as transformações do mundo moderno, a autossuficiência é substituída pelo entendimento de que o “eu real” acaba sendo formado e transformado através do diálogo do sujeito com os símbolos, valores e práticas culturais exteriores e outras identidades, assim o sujeito antes imutável torna-se fragmentado (HALL, 2006).

Por fim, temos a identidade do sujeito pós-moderno formada e transformada continuamente por meio da diversidade de sistemas culturais que nos rodeiam, é uma identidade volúvel, reformulada no dia a dia, uma identidade definida por atos históricos e não biológicos (HALL, 2006). Na mesma perspectiva que Hall (2006), os estudos de Bauman (2005) caracterizam o período e as relações como líquidas, segundo o autor,

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p.57)

Para o sociólogo polonês, diferente dos estados pré-modernos quando a identidade era determinada pelo nascimento, no mundo líquido moderno nossas identidades estão fragmentadas, provisórias, adaptam às situações impostas, lutamos para unirmos nossa identidade móvel aos grupos igualmente móveis, mantemo-nos vivos junto a eles, mas não por muito tempo, caracterizando assim a instabilidade das relações, marca das identidades modernas (BAUMAN, 2005).

Os acordos políticos e comerciais, o fluxo de migração e a internet são fatores que estreitaram os laços e os espaços, sejam eles físicos ou virtuais. Dessa forma, nos possibilitaram estar em locais variados de forma quase simultânea, em contato com grupos diferentes que nos exigem a criação de identidades diferentes, isso porque não é só nas redes sociais virtuais que adotamos identidades passageiras, mas também porque nossa própria identidade nacional, sofre fissuras e se torna instável. Para Bauman (2005), os sujeitos adotam uma estratégia, haja vista que, “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação de liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo. (BAUMAN, 2005, p.60)”. As identidades são fluidas porque o processo de globalização age concomitantemente, enquanto uniformiza, diferencia os grupos sociais e indivíduos.

Ao pensarmos nessas identidades fragmentadas, móveis, fluídas e plurais, entendemo-las como um desafio ao campo educacional, à instituição é atribuída a função de ser medidora, compreender as diferenças e buscar o entendimento da alteridade. Nesse cenário, os discursos multiculturais ganham força dentro do ambiente escolar porque retratam a realidade que estamos inseridos. Tal apontamento é feito por Moreira e Caudau (2008) ao afirmarem que a questão do multiculturalismo no currículo escolar é resultante das lutas dos grupos sociais, advém de um movimento que iniciou fora do mundo acadêmico e ainda é presença recente nos cursos de formação inicial dos docentes.

Ainda sobre a temática, os autores apontam os questionamentos acerca da polissemia do termo e as variadas perspectivas que se apresentam nos variados discursos educacionais, dentre elas enfoca a perspectiva propositiva do multiculturalismo que possui várias abordagens:

o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista e a interculturalidade (MOREIRA E CANDAU, 2008).

Sobre a perspectiva do multiculturalismo assimilacionista, Moreira e Candau (2008) pontuam que a base cultural dominante permanece intacta, os grupos marginalizados são inseridos desde que abandonem suas culturas, formando assim uma cultura homogeneizadora. Quando voltamos os olhares ao campo educacional, as autoras sinalizam que

no que se refere aos conteúdos do currículo, quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados, etc. Simplesmente os que não tinham acesso a esses bens e a essas instituições são neles incluídos tal como se configuram. Estratégias de caráter compensatórios são implementadas para efetivar estas políticas. Essa posição defende o projeto de afirmar uma “cultura comum”, a cultura hegemônica, e, em dele deslegitima dialetos, saberes, línguas, crenças, valores “diferentes”, pertencentes aos grupos subordinados, considerados inferiores, explícita ou implicitamente. (MOREIRA e CANDAU, 2008, p.21).

Diferente, a abordagem diferencialista propõe enfatizar as diferenças e garantir a expressividade cultural das diferentes identidades. Nessa concepção a diferença é reconhecida, deve ser praticada e garantida, mas em espaços próprios e determinados, assim, segundo as autoras, a prática favorece o “apartheid sociocultural” (MOREIRA e CANDAU, 2008, p.22)

A abordagem intercultural concebe as culturas como um processo de construção, de reconstrução. Aponta a hibridização cultural como um processo intenso e mobilizador nas identidades que também encontram-se em construção, considera que diferenças e desigualdades não podem ser desvinculadas e que as relações de poder permeiam a relações culturais. Busca-se uma educação que reconheça o outro e busque um diálogo entre os diferentes grupos sociais.

Sobre o multiculturalismo, no cenário educativo, Duschatzky e Skliar (2001) o desenham a partir de três olhares:

o multiculturalismo a partir de uma ótica folclórica caracterizada por uma trajetória turística de costumes de povos e culturas essencializados. [...] A segunda tradução é aquela que reduz a diversidade ao “déficit”. [...] Por último, haveria uma terceira tradução educativa que toma a forma de reivindicação do localismo como retórica legitimadora da autonomia institucional. (DUSCHATZKY E SKLIAR, 2001, 130)

Para os autores, o multiculturalismo ora vem revestido de festejos folclóricos que inundam o calendário escolar, ora relacionam a diversidade aos indivíduos com necessidades especiais, sejam elas físicas ou financeiras; por fim, a ideia é sempre integrar a cultura hóspede à cultura de origem, tais situações oriundas de projetos pedagógicos que estão em desacordo com as concepções de cultura e alteridade (DUSCHATZKY E SKLIAR, 2001 p.131).

POR MAIORES VISIBILIDADES NAS ORLAS: considerações finais

Chegamos ao fim da nossa jornada, as águas desse rio que navegamos são profundas, essas linhas são chamadas de introdutórias justamente porque trazem apenas indagações iniciais, conceituações. Acreditamos, de fato, que é preciso um mergulho nas concepções, nas perspectivas, nos posicionamentos, a fim de que se possa buscar na interculturalidade uma educação voltada para a alteridade, para que possamos ler as epígrafes apresentadas e nelas não encontrarmos resquícios da nossa realidade.

Palavras-chave: Multiculturalismo; Interculturalidade, Identidade, Educação.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Traduzido por Calos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VERISSÍMO, Luís Fernando. O povo. Disponível em:
<http://oblogderedacao.blogspot.com/2012> . _Acesso em: 01 de abril de 2021.

MACEDO. Luciano Lira de. Os outros. Disponível em:
<https://gleilsonalves.blogspot.com/2009/10/cronica-os-outros.html>. Acesso: 01 de abril de 2021

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: Carlos. LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.